

ASPECTOS CRÍTICOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA ATRAVÉS DA LENTE REALISTA DE MACHADO DE ASSIS NA OBRA MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

CRITICAL ASPECTS OF BRAZILIAN SOCIETY THROUGH THE REALIST LENS OF
MACHADO DE ASSIS IN THE WORK THE POSTHUMOUS MEMOIRS OF BRÁS CUBAS

ASPECTOS CRÍTICOS DE LA SOCIEDAD BRASILEÑA A TRAVÉS DE LA LENTE
REALISTA DE MACHADO DE ASSIS EN LA OBRA MEMORIAS PÓSTUMAS DE BRÁS
CUBAS

José Braz Sampaio Nunes¹

Rafael Silva Nunes²

RESUMO: Machado de Assis criou obras cujas tramas são determinadas por verdades históricas, das quais ele estava consciente da íntima ligação entre literatura, realidade social e História. A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* revela aspectos críticos da sociedade brasileira no final do Segundo Reinado. No entanto, Machado confiou que seus contemporâneos fossem daqueles que não buscam a verdade de forma muito profunda. A despeito disso o próprio autor assim afirma: “Não escrevi a história que esperava; a que de lá trouxe é esta” (Machado, in Gledson, 2003, p. 46). A justificativa pela escolha do tema proposto se dá pelo fato de que a história é o elemento central para a compreensão da literatura, trazendo para o meio acadêmico o debate acerca de uma nova investigação para a obra, através da perspectiva histórica em comparação as inferências extraídas do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma vez que a História descrita no enredo não demonstra ser a História que Machado esperava contar. E cabe a nós, pesquisadores e estudiosos o objetivo de descobrir as verdades encobertas e sua relação com a sociedade brasileira contemporânea ao escritor. Objetivou-se o uso da exegese, comparado ao procedimento sistemático da pesquisa bibliográfica como fundamentação das propostas apresentadas no trabalho. Dessa forma, cremos que podemos conciliar os trabalhos realizados por outros autores, somados a investigação e comparação de historiadores a fim de alcançarmos o objetivo de revelação das verdades implícitas na obra.

Palavras-chave: Contexto histórico. Exegese. Verdades Encobertas.

ABSTRACT: Machado de Assis created works whose plots are determined by historical truths, of which he was aware of the deep connection between literature, social reality, and History. The work *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (The Posthumous Memoirs of Brás Cubas) reveals critical aspects of Brazilian society at the end of the Second Reign. However, Machado trusted that his contemporaries were not the type to seek the truth too deeply. Despite this, the author himself states: "I did not write the history I expected; the one I brought from there is this" (Machado, in Gledson, 2003, p. 46). The justification for choosing the proposed theme lies in the fact that history is the central element for understanding literature, bringing to academia the debate about a new investigation of the work through a historical perspective in comparison to the inferences drawn from the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, since the History described in the plot does not appear to be the History that Machado intended to tell. It is up to us, researchers and scholars, to uncover the hidden truths and their relationship with the Brazilian society contemporary to the writer. The objective was to use exegesis, compared to the systematic procedure of bibliographic research, as the foundation for the proposals presented in the work. Thus, we believe we can reconcile the studies conducted by other authors, along with the investigation and comparison by historians, to achieve the goal of revealing the implicit truths in the work.

Keywords: Historical context. Exegesis. Hidden truths.

¹Graduado em Licenciatura Plena em Letras. Universidade Nilton Lins.

²Especialista em Docência do Ensino Superior, Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI.

RESUMEN: Machado de Assis creó obras cuyas tramas están determinadas por verdades históricas, de las cuales él era consciente de la íntima conexión entre literatura, realidad social e Historia. La obra *Memorias Póstumas de Brás Cubas* revela aspectos críticos de la sociedad brasileña a finales del Segundo Reinado. Sin embargo, Machado confiaba en que sus contemporáneos no eran de aquellos que buscan la verdad de manera muy profunda. A pesar de ello, el propio autor afirma: "No escribí la historia que esperaba; la que traje de allí es esta" (Machado, en Gledson, 2003, p. 46). La justificación por la elección del tema propuesto se debe a que la historia es el elemento central para la comprensión de la literatura, llevando al ámbito académico el debate sobre una nueva investigación de la obra, a través de la perspectiva histórica en comparación con las inferencias extraídas de la novela *Memorias Póstumas de Brás Cubas*, ya que la Historia descrita en la trama no parece ser la Historia que Machado esperaba contar. Y nos corresponde a nosotros, investigadores y estudiosos, el objetivo de descubrir las verdades ocultas y su relación con la sociedad brasileña contemporánea al escritor. Se tuvo como objetivo el uso de la exégesis, comparado con el procedimiento sistemático de la investigación bibliográfica, como fundamentación de las propuestas presentadas en el trabajo. De esta forma, creemos que podemos conciliar los trabajos realizados por otros autores, sumados a la investigación y comparación de historiadores, con el fin de alcanzar el objetivo de revelar las verdades implícitas en la obra.

Palabras clave: Contexto histórico. Exégesis. Verdades ocultas.

INTRODUÇÃO

A invenção Machadiana do defunto autor como mediador dos eventos narrados, criou um misto de ficção e estereotipação de personagens, verdadeiros tipos sociais inspirados na própria sociedade brasileira no período do Segundo Reinado. Neste trabalho, procuramos revelar as verdades históricas, através da construção de personagens e de interpretações com uso de subterfúgios presentes ao longo da obra. A pesquisa histórica foi de fundamental importância para comparar as relações presentes na descrição literária, e sua contextualização com a sociedade carioca no final do século XIX.

O objetivo deste trabalho é mostrar que a História pode auxiliar na compreensão da literatura e que ambos norteiam na mesma direção. Para isto, basta localizar a obra dentro do contexto histórico social, e será possível elucidar os principais acontecimentos. Dessa forma, procuramos explicar para o leitor o porquê da escolha de Machado, pela ironia e pela exposição dos fatos de maneira implícita.

Destacamos alguns trechos da obra que serão necessários para demonstrar a importância da história para compreensão da literatura. Fizemos uma demonstração de alguns personagens e a sua representação estereotípica com a sociedade e sua contextualização no enredo. Utilizamos como embasamentos vários teóricos, mas, a pesquisa do historiador Sidney Chalhoub (2007),

foi de fundamental importância, assim como John Gledson (2003) e Roberto Schwarz (2000), para conclusão deste trabalho a fim de ser reconhecido como fonte de pesquisa a outros trabalhos de cunho acadêmico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Machado de Assis, sempre foi um espectador atento às manifestações humanas. Isso ninguém o sentiu melhor que ele, pois tinha a necessidade de exprimir em palavras essa sensibilidade como descreve o próprio Machado, segundo Furlan S (2003, p. 15): “pertença a Escola Realista, por ser mais sensata, mais natural, e de mais Iniciativa moralizadora e civilizadora”. Apesar de não ter conseguido, nem quando o trato dos clássicos escoimou o estilo, escrever como eles escreviam.

Machado era funcionário público do Ministério da Agricultura, ocupando a chefia da 2ª seção, serviu como oficial de gabinete do Ministro responsável pela questão da matrícula escravocrata para alforria. Muitas questões chegavam ao seu gabinete para serem julgados, porém a disciplina de funcionário não lhe permitia opinar sobre assuntos em que estivesse interessado o governo. Machado estava informado dos acontecimentos políticos e sociais, porém não podia revelar sua desaprovação. Por outro lado, não conseguia ficar omissa, por isso Machado fazia uso de subterfúgios para criticar as questões que lhe desagradavam, sob a pena de crítico usando pseudônimos, como descrito no Diário do Rio, 1879. Na ocasião Machado manifestava sua desaprovação com a pena de morte e da guilhotina. De acordo com Furlan S (2003, p.13). “Qualquer dia destes hei de fazer um elogio dos canibais, raça ignorante e rude, que não conhece as delícias da nossa cozinha civilizada e limita-se a satisfazer seus instintos bárbaros”.

Essas experiências serviram de expediente para publicação de sua obra prima, em tom de ironia, galhofa e sutilezas. Desse modo é que propomos um novo olhar para Memórias Póstumas de Brás Cubas, dentro do contexto social e político, aplicando um olhar de exegeta para interpretação da obra.

Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e, aliás, ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem (ASSIS M, 2001, cap. 71, p.113).

A chave para compreender o livro é a própria história e a paciência do leitor, que tem pressa em ir adiante só para ver o que acontece com o enredo, mas ao contrário, deve demorar-se em observar o que não acontece. Machado estava se referindo aos fatos de ficção narrados no livro que deveriam ser comparados com os fatos ocorridos na história e analisados cuidadosamente sem pressa, como faz o bibliômano, que comprou o último exemplar das Memórias, setenta anos depois e tem verdadeiro amor e dedicação pelos livros. Este se inclina a descobrir os mistérios do livro como descritos abaixo:

[...] Lê, relê, desengonça as palavras, saca uma sílaba, depois outra, mais outra, e as restantes, examina-as por dentro e por fora, por todos os lados, contra luz, espaneja-as, esfrega-as no joelho lava-as, e nada; não acha o despropósito (ASSIS M, 2001, cap.72, p.114).

Ao narrar Memórias Póstumas de Brás Cubas (MPBC), Machado de Assis reescreve a História do Brasil no século XIX. Gledson J (2003) em sua pesquisa sobre as verdades históricas contidas nos romances elaborou um quadro das principais obras de Machado de Assis, assim representadas: Memórias Póstumas de Brás Cubas, descrição dos períodos de 1805-1869 com ênfase nas décadas de 1840-1850; Quincas Borba, ano de 1867-1871; Esaú e Jacó, ano de 1871-1894; Casa Velha, ano de 1839-1840; Dom Casmurro, ano de 1857-1871; Memorial de Aires, ano de 1888-1890.

372

Verifica-se que cada romance aborda um momento particular do desenvolvimento social e político do Brasil, no século XIX. E podemos citar a Independência, a Abdicação de D. Pedro I, a Maioridade, a Conciliação do Marquês de Paraná, A Lei do Ventre Livre, A Abolição, A República, O Domínio da Oligarquia, baseada na escravidão, o período da crise e decadência do Império do Segundo Reinado através de acontecimentos públicos.

No romance Machadiano praticamente não há frase que não tenha segunda intenção ou propósito espirituoso. Depois de fixá-la, tentaremos uma interpretação, que nos levará a circunstâncias brasileiras na sociedade do século XIX.

AS DATAS DESCRITAS NA OBRA E SUAS RELAÇÕES COM A HISTÓRIA

Gledson J (2003) e Schwarz (2000, p. 74) levanta uma boa pergunta: e se Brás fosse o Brasil, de que seu nome é a primeira sílaba? Não podemos incorrer no erro em afirmar que sim. No entanto podemos deduzir a clara intenção do enredo em sintetizar tipos sociais representantes da classe dominante e das dependentes da sociedade brasileira através das

relações que lhe são peculiares. Cabe ao enredo a concretização por meio de personificações de um elenco que resume a sociedade carioca do século XIX.

O enredo das Memórias procura ancorar-se na história nacional, e também significá-la, através de referências ora explícitas, ora escondidas. A obra está repleta de datas, ligadas aos personagens. Seguindo as localizações no tempo, as datas apontam as questões históricas e ficcionais e tomam emprestada a substância que transforma o romance em alegoria política. A cronologia das Memórias é emaranhada e confusa, por esse motivo tentaremos comparar as datas através das inferências:

Brás Cubas nasce em 1805, nos últimos anos do Brasil Colônia e início a chegada da família Real para o Brasil em 1808. Brás é descrito em sua genealogia de origem influente e nobre que lembra o imperador D. Pedro I. As similaridades não param por aí. Brás é representante da elite rica, estudou Direito em Coimbra e nunca precisou trabalhar, é desocupado, galanteador que não se envolve em compromissos sérios, conquistador e boêmio, enquanto D. Pedro I vem para o Brasil, Brás vai para Portugal e só retorna com a doença da mãe, a tempo de despedir-se dela. Alguns anos depois morre também o pai e Brás fica órfão. O mesmo episódio acontece com D. Pedro I, que fica órfão e retorna a Portugal para assumir o trono, deixando seu filho Pedro de Alcântara no Brasil sem os genitores.

373

Machado declara o ano de 1822 como o ano da independência política e o do primeiro cativo pessoal de Brás. (ASSIS M, cap. 14). Brás torna-se prisioneiro de uma paixão impura por uma espanhola de vida alegre. Coincide com os festejos da Independência, paradoxo de liberdade e cativo. Brás gastou trinta dias para ir do Rossio Grande, local dos festejos e do primeiro encontro ao coração de Marcela, o que nos leva a outubro de 1822, já que a Independência é de setembro. Lembremos ainda o célebre “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”, e chegaremos a março de 1824, quando no mundo externo, D. Pedro I outorga a sua Constituição, encerrando a aventura liberal da Primeira Constituinte, cujo modelo mais comentado havia sido a carta espanhola. Qual a relação Constituição e os folguedos com Marcela? Gledson J (2003) e Schwarz R (2000, p.76), demonstra a imprescindível razão de grande número de pormenores. “Com certeza indica o intuito de comentar a história nacional em chave inconformista, ainda que prudentemente e reservada a um pequeno número de leitores atentos ou iniciados”.

Interrompido à força o amor com Marcela, Brás vai à Europa desfrutar da cultura. São anos de romantismo prático e liberalismo teórico, descritos por Schwarz R (2000) como a pura fé dos olhos pretos e das Constituições escritas, durante os quais a personagem colhe de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação. A Constituição escrita segundo Schwarz R (2000) refere-se ao acordo assinado entre Inglaterra e Portugal em transferir a Corte portuguesa para o Brasil, uma vez que D. João não tinha outra escolha a não ser exilar-se no Brasil, enquanto à Inglaterra cuidava da defesa do território português (interrompido à força o amor de D. João com a pátria amada fugindo das tropas de Napoleão). O paralelismo do período prossegue: a fase européia encerra-se com a volta precipitada de Brás, cuja mãe está à morte; e uma vez que ela não o via há oito anos, estamos em 1832. Logo morre também o pai, e Brás fica órfão, como se dizia que ficara o Brasil com a abdicação de D. Pedro I em 1831 ao retornar a Portugal após a morte de D. João.

A etapa seguinte da vida de Brás Cubas é dissoluta, semirreclusa, um verdadeiro desperdício de tempo e dinheiro. Coincide com os anos da Regência no Brasil, comparado ao cap. 47 MPBC. Machado descreve o ano de 1842 e combina com o período da Maioridade iniciada em 1840.

Marcela, Sabina, Virgília... aí estou eu a fundir todos os contrastes, como se esses nomes e pessoas não fossem mais do que modos de ser da minha afeição interior. Pena de maus costumes ata uma gravata ao estilo, veste-lhe um colete menos sórdido; e depois sim, depois vem comigo, entra nessa casa, estira-te nessa rede que me embalou a melhor parte dos anos que decorreram desde o inventário de meu pai até 1842.

Schwarz R (2000), alegoriza o período da Regência no Brasil como o período da improbidade, reinado de interesses exclusivistas e partidários políticos que serviram apenas como protocolo de tempo e desperdício de dinheiro público, até a manobra da Maioridade pelo partido Liberal em 1840, tomando o poder do Regente Araújo Lima, cujo mandato iria até 1842, que coincide com a data descrita por Brás. A coincidência não para aí. Brás vem abrilhantar a vida da Corte, na qualidade de leão da moda e amante meio secreto e meio divulgado de um elegante tempo.

Em 1855, Brás é deputado e aspirante a ministro quando profere o discurso sobre as barretinas da guarda nacional, que possivelmente aluda à conjuntura política da conciliação (1853-1857). O discurso de Brás não agrada aos parlamentares da direita e nem os de esquerda e muito menos ao ministro da justiça.

É provável que Machado esteja associando tal descrição com o episódio envolvendo o ministro da justiça e escritor José de Alencar, que aguardava a indicação de seu nome para ocupar o cargo de senador vitalício, nomeado pelo próprio Imperador. A indicação não se concretizou, justamente pelas críticas escritas e proferidas em discurso contra Gonçalves de Magalhães sobre a obra *A Confederação dos Tamoios*. Magalhães gozava da estima do Imperador e as críticas contribuíram para a nomeação de outro nome à pasta. Alencar ficou profundamente desiludido por ter renunciado ao mandato de ministro e não ser indicado ao senado, saindo da vida pública. Brás também sofre tal decepção e esclarece de como não foi Ministro de Estado e como perdeu a cadeira de deputado encerrando a carreira política, idêntica a Alencar.

OS TIPOS SOCIAIS (ELITE)

BRÁS CUBAS

Sem dúvida o personagem Brás Cubas, é o típico representante da burguesia. Interessar-se pela filosofia, teorias científicas, invenções farmacêuticas e ações bem como o parlamento e a imprensa política. Representa a verdadeira desfaçatez de classe, seus empreendimentos e planos não o levam a tão sonhada busca de glória. O papel de Brás lembra outro personagem do Segundo Reinado, o empresário Irineu Evangelista de Souza, mais conhecido como o Barão de Mauá. Dirigiu inúmeros empreendimentos, chegou a possuir 17 empresas em seis países e tornou-se o homem mais rico do Império. Sua atuação assemelhava-se à dos grandes empresários capitalistas da época. Apesar de todo esse dinamismo, Mauá faliu, em 1878, em virtude da falta de apoio governamental e da concorrência estrangeira.

Brás interessa-se por muitas coisas, mas a lista do que Brás não foi poderia se encompridar e parecer dizer por extensão, que ele não foi nada de apresentável na ordem burguesa das realizações individuais por esforço ou mérito. No capítulo final, *Das Negativas*, o narrador enumera as coisas que não foi: “Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento, não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.

Machado utiliza o processo da afirmação pela negação para afirmar que Brás não contribuía em nada para a sociedade em geral. Machado se apropriava da figura do adversário de classe, para deixá-lo mal perante toda a sociedade. Fazendo o contraponto com estas

frustrações vem a “boa fortuna de não comprar o pão com o suor do rosto”. Uma vantagem óbvia, mas que do ponto de vista implícito e adverso da ética do trabalho, ou também do sentimento cristão da vida, é mais outro sinal de menos, outra maneira de não ser nada.

VIRGÍLIA

Filha de Conselheiro Público, abastada, elegante, educada e, sobretudo de beleza incomparável, descrita como bela e enigmática. Virgília possui tudo que seria cobiçado por uma moça. A descrição anterior da capacidade de Machado apropriar-se da figura de classe do adversário, mais uma vez evidencia-se na inversão de valores da bem-educada Virgília. Nada mais medíocre e menos romanesco do que o triângulo amoroso formado por Brás Cubas, Virgília e Lobo Neves.

Virgília coloca em risco sua reputação e a do Conselheiro seu pai, apenas pelo prazer da manipulação de classe. De um lado, o marido ignora ao máximo os indícios disponíveis, e só toma providências quando acuado pela opinião pública. Por outro lado, Brás sente-se satisfeito pelo sistema de compensação voluntária e involuntária que fazem com que Brás e Lobo Neves vivam “contentes um com o outro”. Com isso Virgília controla e manipula dois sistemas de classes: a burguesia e a classe política.

A comparação da descrição está ligada intimamente com a política de conciliação, fato comum no período do Segundo Reinado em que se alternavam dois partidos controlados pelo Imperador, como enfatiza Vicentino C e Dorigo G (2007, p. 212).

O Partido Conservador e o Partido Liberal, nascidos na época regencial, eram os dois principais grupos políticos no Brasil monárquico. Os partidos não chegavam a representar interesses ou, muito menos, projetos políticos opostos ou substancialmente diferentes. Sem apresentar coesão interna, lutando com todas as armas pelo poder, aceitavam e defendiam a estrutura oligárquica, imperial e escravista da sociedade brasileira, divergindo apenas na forma como mantê-la.

Dos 36 gabinetes ministeriais do Segundo Reinado, 21 deles foram do partido Liberal controlando o poder por quase 20 anos contra 15 gabinetes do partido Conservador, detendo o poder por quase 30 anos. O primeiro gabinete do Segundo Reinado foi organizado pelo Partido Liberal, pois o golpe da Maioridade foi articulado por esse setor político, desalojando do poder os Conservadores, que governavam desde o início da regência de Araújo Lima. Sobre esse período Vicentino C e Dorigo G (1997, p.216) comentam:

No Brasil o que se verificava era que o chefe do ministério, uma espécie de primeiro-ministro, era escolhido pelo Imperador, fazendo o legislativo refém do executivo, já

que deveria ter maioria do partido do presidente do Conselho de Ministros. Era o chamado parlamentarismo às avessas, de caráter centralizador e oligárquico, não representativo da sociedade brasileira, devido à exclusão escravista, e ao critério censitário. Assim o Imperador escolhia o presidente do Conselho de Ministros e, caso houvesse divergência entre este e o Parlamento, o imperador ou dissolvia a Câmara para nova eleição ou demitia o ministro.

A comparação de Machado, no quadro histórico brasileiro na figura das personagens Virgília, Brás e Lobo Neves são marcantes na perspectiva que cada parte representa. A bela Virgília com diplomacia controla as duas classes como fazia o Imperador que a seu modo cada um sente-se recompensado pela lei das equivalências. Por outro lado, o triângulo amoroso em que os dois sentem-se traídos e prejudicados representa múltipla dimensão seja, por exemplo, pelo modo como as elites traem o povo, os partidos traem seus ideais, os dirigentes traem suas responsabilidades, os proprietários traem seus dependentes, os arrivistas traem suas origens e os conservadores traem sua honra. O resultado é que todos se sentem traídos e enganados em sentido de comunidade, suscitando o engodo ficcional do realismo enganoso, sem dúvida o mais autêntico que esse país já teve.

COTRIM

A figura de Cotrim enfeixa os aspectos marcantes da vida brasileira local, com especialidades os que, do ponto de vista civilizado, não deveriam conviver. Comerciante estabelecido, contrabandista de escravos, pai de família extremoso, membro de várias irmandades (associações religiosos e beneficentes) patriota zeloso no exercício da cidadania, porém inescrupuloso nos atos e condutas. O progresso de Cotrim é notável: de classe simples a próspero comerciante e contrabandista de escravos (antes do fim do tráfico, em 1850) a beneficiário de negócios obscuros com o arsenal da marinha, intermediado por Brás, possivelmente durante a guerra do Paraguai; 1865-70, período de grandes negociatas e tratado como uma verdadeira roubalheira na época, isso tudo é relativo ao sentimento patriótico? Aos olhos de qualquer cidadão a biografia de Cotrim seria escandalosa, ao passo que do ângulo de Brás Cubas é justificável e normal, talvez porque o próprio Brás pertença à mesma classe oportunista.

O mecanismo adotado por Machado está nas desculpas que inculpam, nas atenuantes que agravam ou mais genericamente na função acusatória da própria defesa. Uma defesa que, na verdade, é uma denúncia do acusado e também do defensor. O contrário deveria ser: um indivíduo evoluído não tem escravos, não bate neles e não contrabandeia no ramo, a filantropia

não serve para humilhar, apenas expressa um modo de privilégio social, Cotrim lembra a figura do antigo feitor ligado ao regime escravista do período colonial.

Poderíamos citar muitos nomes como o conselheiro Dutra, o doutor Cubas, Lobo Neves, Marcela, mais a lista seria demasiadamente extensa e exaustiva, a qual fugiria do nosso propósito. A seguir escolhemos alguns representantes dos excluídos para comentários.

TIPOS SOCIAIS (EXCLUÍDOS)

DONA PLÁCIDA

Machado observou que o serviço prestado pelas pessoas pobres é um ápice de frustração histórica e sem mérito. A pobre mulher costura, faz doces para fora, ensina crianças do bairro, tudo indiferentemente e sem descanso, “para comer e não cair”. Degradação da dignidade do trabalhador que se vê obrigada a pedir esmola na rua ou faltar aos bons costumes. Forçada pela miséria, dona Plácida acaba prestando serviços de alcoviteira, embora seja uma devota sincera do casamento e da moralidade familiar.

Apesar de incansavelmente trabalhadora chega o momento em que se vê obrigada a buscar proteção de uma família de posses, à qual se agrega o que tampouco impede que morra na indigência. Em suma, a vida honesta e independente, não está ao alcance do pobre, que aos olhos dos abastados é presunçoso quando os procura e quando desiste é desprezível.

378

Dona Plácida é vítima da escravidão trabalhista gerada pelo sistema capitalista aos não escravos, sem direito a reconhecimento social. Aos olhos de Brás, dona Plácida cumpria o seu papel social de subserviência, como descreve em MPBC no cap. 75:

Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na cama ou no hospital; foi por isso que te chamamos num momento de simpatia (ASSIS M, 2001, p.117).

Dona Plácida representa muitas mulheres trabalhadoras, livres da escravidão, mas dependentes dos patrões, que as torna na condição pior que a das escravas que não possuíam salários, mas tinham abrigo e comida. A elite dominante admite a miséria cumprir o seu papel social que é adquirir vantagens aos patrões.

EUGÊNIA

Moça pobre, reta e justa em conduta moral, embora concebida fora do casamento. Educada na proximidade do mundo abastado, ela poderia fazer um bom casamento e vir a ser uma senhora respeitada. O destino da moça depende de um capricho da classe dominante. Brás e Eugênia vivem um curto romance. Apesar da moça pertencer a uma classe inferior a de Brás, esta o trata de igual para igual e isto incomoda Brás, que achava que seria lisonjeado o que não acontece. Este gesto desperta em Brás uma insatisfação e a consequente descoberta de um defeito físico: A moça era levemente coxa, porém bela. Alguns dias depois de colher o primeiro beijo de Eugênia, o rapaz lembra-se do pai e dos seus conselhos, MPBC (cap. 28, p. 67).

É preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais. [...] teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estragues as vantagens de tua posição, os teus meios.

Brás não percebera nenhum defeito até o momento em que a dignidade da moça pobre já o havia incomodado e transformado em obstáculo social através de um defeito físico. Este fato não impediria a moça de ser uma esposa perfeita. Machado utiliza o processo da inversão para afirmar que, de todos os personagens do enredo a única que apresenta defeito é Eugênia, no entanto, o seu defeito era físico e não moral como descrito nas demais personagens. Através desse recurso Machado deixa claro que Eugênia é a única personagem direita e figura estimável de firmeza moral, mas o seu papel é apenas mostrar que as qualidades dos pobres não passam de defeitos para os ricos. Na descrição do próprio Brás que relembra as qualidades da moça. “Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril.” Estas prendas, que retinham o rapaz, transformaram-se em negativas, naturalmente por pertencerem a uma criatura pobre e por criar um impasse moral que serviu de alibi no contexto da dominação da classe.

379

A seguir apresentamos algumas inferências em Memórias e suas possíveis interpretações.

O SIGNIFICADO DO ANO DE 1869 - ÓBITO DO AUTOR (MPBC, cap. 1).

Joaquim Manoel de Macedo publica a obra as Vítimas – Algozes, um grito de protesto que exprimia a disposição de lutar contra o abandono da emancipação dos escravos discutido há quatro anos.

José de Alencar ministro da justiça assinou a lei em 15 de setembro de 1869, esta que proibiu o espetáculo constrangedor das vendas de escravos debaixo de pregão e em exposição pública.

O ano de 1869 ficou marcado para os abolicionistas, mas ironicamente o mesmo ano em que Alencar subira ao poder para brevar a reforma servil tentando agradar ao Imperador a fim de indicar o seu nome para o cargo de senador vitalício, o que não aconteceu. Não foi a toa que Machado escolheu o ano 1869 para a morte de Brás Cubas. Para os abolicionistas a esperança de emancipação estava moribunda no leito de morte. Para Alencar o ano em que morrera os seus ideais políticos.

IDEIA FIXA DE BRÁS CUBAS (MPBC cap. 14-16)

Brás Cubas tivera uma ideia de criar um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a melancolia humana. Essa ideia transformou-se em ideia fixa de ver seu nome exposto nas caixinhas dos remédios o nome emplasto Brás Cubas, com sede de glória e acabou levando-o a morte.

Em 1881, Machado publica Memórias Póstumas de Brás Cubas. No ano anterior o chefe de gabinete Sinimbu tinha a “ideia fixa” da reforma eleitoral, ele achava que seria o primeiro passo para quaisquer melhoramentos futuros do país, a receita para a cura de todos os seus males. Sinimbu chega a declarar, no Senado, para justificar a sua obsessão, pela forma eleitoral. De acordo com Chalhoub S (2007, p.266).

Ordinariamente, quando um homem avança na idade e chega à altura desta que já tenho, e sempre acompanhado de uma ideia fixa [...] aquela a que todas as outras ficam subordinadas e como que dela dependentes; pode a isso chamar-se mania.

Chalhoub S (2007) faz um paralelo entre os personagens Sinimbu e Brás Cubas, que ambos haviam diagnosticado as causas dos males da nação e adquirido a ideia fixa de curá-los. Após a morte, Brás confessa tudo e diz que não fora motivado por filantropia, mas por “sede de nomeada”, “amor de glória.” Sinimbu foi exonerado do cargo mas não confessou suas reais intenções, mas planejava depurar o corpo da nação excluindo o voto do analfabeto. Por isso Machado adverte o leitor. “Deus te livre leitor de uma ideia fixa”, para não ter o mesmo fim de Sinimbu e Brás Cubas.

FALSIDADES IDEOLÓGICAS (MPBC cap.6)

Machado utiliza-se do instrumento da inversão pela afirmação como no trecho. “Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas” Ramos C e Mota S (2006) associa esta citação ao capítulo 72 em que Machado descreve a personagem Vigília que se mostrava religiosa, mas sem muita convicção, entregue a comportamentos contraditórios que afirmam e negam a sua crença. Ela parece demonstrar certa dissimulação ao manter em sua alcova um pequeno oratório com imagens que jamais comentara com as amigas, uma vez que sempre criticava as beatas, a quem taxava de religiosas. Essas atitudes são sinais de uma relação contraditória com a doutrina, na qual se confundem autenticidade e fingimento.

Machado está criticando alguns conselheiros provinciais como Chalhoub S (2007) relaciona o Visconde do Rio Branco José Maria da Silva Paranhos, o Marquês de Olinda o Visconde de S. Vicente e outros que o pedido do Imperador D. Pedro II realizassem estudos preliminares a fim de enviar o assunto para discussão no Senado sobre a emancipação dos escravos. Como tratasse de um pedido formal do Imperador o assunto não pode ser ignorado, porém demorou seis anos para que chegasse ao texto final e fosse enviado ao Senado para discussão, a razão era simples: todos os conselheiros eram contra a emancipação por possuírem fazendas com mão de obras escravas. Os próprios conselheiros tratavam de obstruir o assunto e uma vez no Senado os seus pronunciamentos e votos eram sempre contrários.

381

CORRUPÇÃO (MPBC cap.52)

Em 1878, Machado escreveu uma crônica que criticava a atuação da polícia na investigação de corrupção contra alguns vereadores, em que resultou na queima de arquivo do Paço Municipal. Este episódio faz referência ao personagem Brás Cubas, que acha pouco dinheiro e devolve-o à polícia, como relata Machado. “Se achares três-mil réis, leva-os à polícia; se achares três contos levá-os a um banco. Esta máxima eu te dou de graça leitor”. Após esse fato Brás acha muito dinheiro e leva-o ao banco. O autor sempre faz uso da ironia, e nisso era considerado mestre. Esse episódio está relacionado a outro escrito para o “Cruzeiro” in Chalhoub S (2007), no qual o autor comenta o incêndio do Paço Municipal. Na verdade, o incêndio serviu para acobertar a queima de papéis que comprovavam o uso indevido do dinheiro público contra alguns vereadores. A polícia da corte local foi conivente e dificultou as investigações. Desta forma, Machado ironiza essa passagem em Brás Cubas que acha pouco dinheiro e devolve a polícia, mostrando o descrédito com a Instituição, achando mais seguro devolver uma quantia maior ao banco e como deve ser conduzido o dinheiro público.

PRECONCEITO RACIAL (MPBC cap.21)

Em Helena a personagem conversa com seu animal de montaria e o trata com zelo e dignidade comparado a um ser racional em lugar de irracional. Em Memórias, Machado mostra a desvalorização do homem, conforme o episódio entre Brás e o almocreve. Assim, Machado descreve: MPBC (cap.21, p.58):

Vai então, empacou o jumento em que eu vinha montado [...] porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude [...] a apenas instrumento da providência; e de outro modo, o mérito não era positivamente nenhuma.

Ramos (2006) descreve que o valor de um ato heroico está diretamente ligado à condição social de quem o pratica. Machado mostra a desvalorização do homem em relação à sociedade. Brás Cubas após ser salvo por um almocreve de um jumento em desabalada carreira julga o ato digno de recompensa, resolve dar-lhe três moedas de ouro, mas entre o espaço de tempo pensado e a ação, o homem é desvalorizado pelas suas roupas e posição social, talvez nunca tivesse visto uma moeda de ouro, resolve a questão com uma moeda de prata. Brás verifica que mesmo assim o almocreve ficara contente e descobre no bolso umas moedas de cobre e pensa que estas seriam o pagamento ideal no lugar das moedas de prata.

O episódio é comparado como uma inversão de mérito praticado. Se fosse um nobre que praticasse o ato, Brás Cubas lhe deveria a própria vida, mas por tratar-se de uma simples pessoa, ele não fizera mais que a obrigação, como um animal que leva o seu dono sobre os seus lombos. O grave neste episódio é que o pobre homem é rebaixado nessa escala de valores, à condição abaixo do animal, que recebe carinho do seu dono, ironizado no conselho do almocreve ao jumento que dizia que o animal tomasse juízo, que o senhor doutor poderia castigá-lo e ao final Brás ouviu o estalar de um beijo do almocreve no animal.

382

PATERNALISMO (MPBC cap.11)

Machado empreende uma análise da política de domínio durante o período Saquarema, que ficou conhecida como “Paternalismo”. Trata-se de uma política dominadora idealizado pelo senhores na qual a vontade senhorial é inviolável e transmite a ideia para trabalhadores e subordinados em geral que só podem se posicionarem como dependentes em relação a essa vontade soberana.

Memórias Póstumas de Brás Cubas denuncia um rígido sistema de classes, baseado na escravidão que produz uma classe dominante incestuosa incapaz de renovação. No romance Machado revela este pensamento presente na infância de Brás na política de

dominação do negro Prudêncio, sem que os seus pais tomem qualquer atitude. MPBC (cap. 11, p.36)

Prudêncio, um moleque da casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, a guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e a outro lado, e ele obedecia – algumas vezes gemendo.-mas obedecia sem dizer palavra, ou quando muito, um –“ ai, Nhonhô!”– ao que eu retorquia:-“ cala a boca, besta!”

A política paternalista, além de opressora é também perniciosa, que se produzem atrocidades em todas as esferas sociais. O mesmo negro Prudêncio, escravo na casa dos Cubas, anos depois fora alforriado pelo patriarca. Brás Cubas reencontrou Prudêncio vergalhando outro negro na praça, que não se atrevia a fugir; gemia somente estas palavras MPBC (cap. 68, p. 111):- “Não, perdão meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas Prudêncio não fazia caso, da súplica e respondia com uma nova vergalhada, exclamando. “- cala a boca, besta! Toma diabo.” Brás aproximou-se e deteve Prudêncio, que imediatamente reconheceu o seu antigo dono e pediu-lhe a benção.

Machado repetiu o feito de criticar o regime escravista em suas obras, mas em nenhuma outra é mais contundente que em Memórias Póstumas de Brás Cubas. A sua luta não foi vã, como a história registra os fatos, reforçados por outros acontecimentos e interesses comerciais, que contribuíram para mudar o sistema monárquico imperial. O expediente de machado servia para denunciar outro regime de dominação. Vicentino C e Dorigo G, assim reproduziram (2007, p.240):

As raízes do considerável peso que a Inglaterra exercia sobre a vida brasileira, especialmente no âmbito econômico, vinha desde a independência de 1822, situação herdada da ordem colonial lusitana e da combinação de interesses com essas elites econômicas. A Inglaterra reconheceu a independência do Brasil, na comunidade internacional, época em que a Inglaterra obteve a renovação dos privilegiados tratados.

O episódio do negro Prudêncio tem um duplo propósito para Machado: De um lado, denunciar o regime de dominação paternalista das elites. De outro denunciar o regime de dependência econômica mercantilista contra a Inglaterra. A comparação era evidente. Prudêncio era livre e alforriado, porém submisso a Brás, como demonstra a benção tomada. O Brasil era independente desde 1822, porém dependente economicamente da Inglaterra, que impunha suas condições e interesses comerciais com barreiras quando se sentia prejudicada, como a Lei Bill Aberdeen (1844), a Lei Eusébio de Queiroz (1850) e a maior de todas as barreiras, a famosa Questão Cristie (1863).

Não queremos ser pretensiosos em afirmar que a obra de machado de Assis, mudou o panorama dos fatos históricos, mas podemos afirmar que muito contribuiu para despertar o senso crítico e libertar-se aos poucos do regime de dependência contra os Ingleses. Da mesma forma, suas denúncias e críticas repercutiram para aprovação da Lei do ventre livre, A Lei Áurea, A libertação dos escravos e finalmente a proclamação da República.

METODOLOGIA

As etapas que nortearam esta pesquisa buscando atingir os objetivos previamente fixados na investigação foram de caráter exploratório que Prestes MLM define como sendo (2008, p. 26):

A pesquisa exploratória configura-se como a que acontece na fase preliminar, antes do planejamento formal do trabalho, facilitar a delimitação do tema a ser pesquisado, orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir uma nova possibilidade de enfoque para o assunto.

De acordo com a descrição acima, o interesse pelo tema surgiu no espaço acadêmico, durante as aulas de literatura que motivaram a sua pesquisa antes mesmo de sua delimitação e facilitou a fixação dos objetivos e as hipóteses.

A metodologia empregada foi o método indutivo pelo fato de não haver uma verdade que afirme ser a nossa teoria universal. Pelo contrário, partindo da pesquisa bibliográfica, foi possível aplicar a interpretação exegetica na análise da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, a fim de alcançar o seu objetivo proposto que é a comprovação da teoria que Machado não criou os personagens da obra, mas estereotipou, baseado em fatos reais. Através do particular foi possível alcançar o geral. Este pensamento está de acordo com a visão marxista que defende que toda obra é resultado do contexto histórico e representa a realidade na visão de seu autor. Essa concepção nos levou a optar pela abordagem qualitativa, como afirma Lakatos EM e Marconi MA (2001), as pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa, tem a facilidade de descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não foi necessário o uso de amostragens, mas utilizada uma investigação de cunho exegetico que emergiu como objeto de estudo num procedimento sistemático empenhado em interpretar, a relação da obra com seu período histórico. Para finalizar a pesquisa, os dados foram coletados das obras previamente selecionadas, de acordo com o referido acima a fim de chegar-se à conclusão que para entender

a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é necessário traçar um paralelo entre os personagens de Machado e a vida do povo brasileiro em meados do século XIX.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao narrar *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado adota a postura da sutileza em tom de ironia e galhofa como estratégia de argumentação do seu interesse. Ao longo da pesquisa evidenciou-se a prática Machadiana de extrair os fatos do enredo diretamente da Corte no período do Segundo Reinado, muitas vezes da vida política. Tal fato pode ser evidenciado em suas crônicas, que revelam sua fonte de produção, extraídas a partir da leitura das notícias dos jornais. Por isso, como ele diz em 15 de março de 1877, é um “historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário”.

Como já foi afirmado, no romance Machadiano não existe frase que não tenha segunda intenção ou propósito espirituoso sobre os fatos. Um resultado disso é o tom de galhofa com que se refere à realidade que observa e comenta, mas que cria uma cumplicidade com o seu leitor. O despertar do riso deve atraí-lo com atenção redobrada para o texto. O riso constitui na verdade a sinalização para a dobra do texto Machadiano. É como diz o próprio Brás Cubas (1881): “A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se não te agradar, pago-te com um piparote, e adeus”.

Enfim, a ironia oculta invariavelmente uma opinião sobre um fato, o registro de um acontecimento, de alguém ou de um comportamento, que parece para o narrador, deslocar-se em relação à estrutura geral, na qual deveria encaixar-se. Pois ao narrar *Memórias Póstumas*, Machado estaria, portanto contando a história do Brasil? Esperamos já haver demonstrado que esta é uma hipótese perfeitamente plausível. Mas, sendo póstumas as memórias, seria esta realmente a história do Brasil que já não existia? Ou então, qual o significado da história de um Brasil morto, contada pelo próprio defunto?

Alguns críticos afirmam ser as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma extensão de *Iaiá Garcia*, escrita em 1878 e ambos tratam da mesma temática da política de dominação e personificam o poder senhorial e ambos os personagens falecem antes do fim da guerra do Paraguai. Há, no entanto uma diferença Valeria é excluída da história ao morrer, enquanto a história de Brás é contada porque a morte o transformou num autor.

Essa diferença pode ser entendida como uma mudança no olhar de Machado sobre aquele processo histórico e só poderá ser explicado se compararmos aos acontecimentos daquele período 1878-1880, vivido por Machado diante da promulgação da Lei do Ventre Livre e a formação de um gabinete liberal que convoca o Congresso Agrícola do Rio de Janeiro. Para Machado, funcionário do Ministério da Agricultura, que provavelmente teve por dever do ofício, que acompanhar de perto as discussões deste congresso, talvez não fosse difícil identificar, nas falas daqueles fazendeiros a voz do falecido Brasil, o Brasil dos Senhores de escravos e do próprio Brás Cubas. (1881). “Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade de nossas impressões e a vaidade de nossos afetos”.

O ano de 1871 marcou a ruptura histórica e assinalou a morte de um mundo de harmonia para senhores de escravos, e de saúde para o país. Os fazendeiros atingidos por uma emancipação desenfreada, não apenas reconheceram a morte de sua antiga posição de domínio, como também sua falência econômica por não conseguir o financiamento do Estado para suas lavouras. Era o fim de um Brasil escravo, de fazendeiros sob o olhar do defunto- autor sobre a esterilidade de sua vida e o significado de sua morte, para validar a história de um período de dominação senhorial que ficou sepultado no tempo de um Brasil que “na luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendo” e não mostrar a realidade esfarrapada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura do artigo é a culminância da trajetória acadêmica empírica e fruto de exaustivas leituras tanto históricas como literárias das produções Machadianas. O resultado deste trabalho é que o leitor poderá acompanhar em alguma medida o processo de descoberta das “coincidências históricas e ficcionais” descritas ao longo da obra e dessa forma o leitor poderá tirar suas conclusões sobre as verdades encobertas e suas possíveis interpretações.

Memórias Póstumas de Brás Cubas, é rica em inferências e nesse aspecto Machado era mestre em não descrever sua intenção como sujeito, mas a relação entre aquilo que diz e o real cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo. Investigar as interpretações do autor como descrevia na teoria dos atos de fala é o que esperamos ter cumprido nosso objetivo. Após inúmeras revisões e modificações, apresentamos nossa

contribuição acadêmica e poderá o leitor julgar o mérito do trabalho de horas e horas de dedicação e esforço se cumprimos nosso objetivo proposto.

Machado é o nosso maior representante da literatura e fundador da Academia Brasileira de Letras. O seu exemplo nos inspirou e serviu de motivação para a conclusão deste trabalho. Machado reunia todas as condições para ser um fracassado. Filho de lavadeira escrava com pai português. Negro de origem pobre, gago e portador de epilepsia que lhe atormentou até a morte. Nunca frequentou a escola, pois não tinha como pagar. Foi autodidata, falava e escrevia em francês e inglês sem nunca ter um professor, nos últimos anos de sua vida estava aprendendo alemão com seu único mestre.

Ao chegar ao final de um trabalho de conclusão de curso é olhar para trás, relembrar as dificuldades, a difícil caminhada da vida acadêmica e poder afirmar “até aqui nos ajudou o Senhor”. Este trabalho é resultado de uma ação conjunta que reforça a afirmação que o homem não pode receber coisa alguma se não for enviado do céu. Cada mestre que ministrou a sua disciplina contribuiu com uma parcela na construção do conhecimento que tornou possível a conclusão deste artigo. Por tudo isto, não poderia deixar de agradecer, minha esposa e todos que direto ou indiretamente estiveram conosco acompanhando “o tempo de parto” até o nascimento desta obra, que com certeza leva o nome de muitas vidas e muitos mestres..

387

REFERÊNCIAS

- ASSIS M. Memórias póstumas de Brás Cubas. Barueri: Gold Editora, 2001; 256p.
- CHALHOUB S. Machado de Assis historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; 392p.
- FURLAN S. Machado de Assis o crítico: enigma de um rio sem margens. Florianópolis: Momento Atual, 2003; 208p.
- GLEDSON J. Machado de Assis: ficção e história. São Paulo: Paz e Terra, 2003; 336p.
- LAKATOS EM, MARCONI MA. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 2001; 320p.
- PEREIRA LM. Machado de Assis: estudo crítico e biográfico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000; 412p.
- PRESTES MLM. A pesquisa e a construção do conhecimento científico. São Paulo: Rêspel, 2008; 180p.
- RAMOS C, MOTA S. A roda de memórias póstumas de Brás Cubas. Campinas: Alínea, 2006; 160p.

SCHWARZ R. Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000; 288p.

VICENTINO C, DORIGO G. História do Brasil. São Paulo: Scipione, 2007; 640p.